

**Evento:** XVIII Jornada de Extensão

## **ENVELHECER NA VIDA RELIGIOSA, A BUSCA PELA IDENTIDADE.<sup>1</sup> AGING IN THE RELIGIOUS LIFE, THE SEARCH FOR IDENTITY.**

**Janice Bellon<sup>2</sup>, Íris Fátima Campos Alves<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de extensão referente ao estágio de Ênfase em Psicologia e Processos Sociais I, Orientando por Iris Fátima Campos Alves, mestre em educação, realizado no curso de Psicologia da Unijui. Ações de formação, adscrito ao Programa de Atenção a Saúde, na linha “atenção a populações vulneráveis”.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Unijui. janice.bellon@outlook.com

<sup>3</sup> Mestre em Educação/UFRGS, orientadora do estágio de Ênfase em Psicologia e Processos Sociais I. irisunijui@gmail.com

### **Introdução:**

Aqui relataremos a proposta de intervenção de estágio em Psicologia e Processos Sociais que está sendo desenvolvida em um asilo que recebe freiras idosas.

As freiras foram às primeiras mulheres a exercerem uma profissão no século XIX, particularmente nas áreas da educação, assistência social e saúde, enquanto a maioria população feminina era ‘do lar’.

No ano de 1677 surge o primeiro convento feminino no Brasil, em Salvador, fundado por monjas Clarissas vindas do Mosteiro de Évora, Portugal. O interesse da igreja no campo da educação e o apoio do governo tornou possível que as congregações estabelecessem seus colégios, fazendo assim que as religiosas conquistassem um espaço social cada vez maior.

Nesse período surge outra forma de vida conventual, chamada congregações de religiosas “de vida ativa”, com a imagem de que as freiras seriam “irmãs de caridade”, boas, solícitas, atuantes e dedicadas aos necessitados.

A comunidade de irmãs onde a experiência se dá é localizada em uma cidade do interior do RS, pertencente à rede Verzeri, ela acolhe as religiosas que agora não conseguem mais prestar serviços na instituição. Quando para os cuidados pessoais começam a necessitar da ajuda de terceiros elas são encaminhadas para esse lar, onde recebem todo tipo de atendimento necessário para seu bem estar e conforto, sendo amparadas por uma equipe de médicos, nutricionistas, cuidadores, enfermeiros e fisioterapeutas.

Quando se escolhe ingressar na vida religiosa é preciso abrir mão de muitas coisas: contato contínuo com a família, autonomia de ir e vir, de habitar e de execução de projetos pessoais. Quando as irmãs entram em processo de envelhecimento tendem a perder cada vez mais o pouco que resta, sendo assim, a união dos dois significantes -freiras, idosas- mostra o volume de perdas que lhes ocorre.

No momento em que se entra em um asilo, ou casa de acolhimento é preciso abrir mão de

**Evento:** XVIII Jornada de Extensão

costumes e traços particulares, para que assim possam entrar na rotina do local, deixando para trás todas as lembranças, hábitos, gostos e escolhas particulares para proporcionar sintonia ao grupo. (Mucida, 2006).

Nos asilos convencionais, a maioria dos idosos que vivem lá possuem algum tipo de vínculo, como filhos e netos, que fazem visitas frequentes, mantendo assim o convívio do idoso com o social e o familiar. No caso das pessoas que escolhem a vida religiosa há um rareamento do convívio com a família por força das exigências das atividades a serviço da Congregação. Quando idosas, recolhidas a este lar, já não preenchem os dias com as atividades de professoras, enfermeiras ou outras que realizavam quando ativas. Agora recolhidas os contatos com os sobrinhos (irmãos muitas vezes já falecidos) com os quais pouco conviveram e que nem sempre moram por perto se tornam raros. Assim, incide sobre elas mais um aspecto da reclusão/solidão quase que inerente à vida do idoso.

O projeto desenvolvido visa trabalhar as questões do processo de envelhecimento, juntamente com o resgate de memórias de um grupo de freiras idosas de 70 a 96 anos de idade, ressignificando assim a subjetividade e identidade de cada uma das irmãs residentes do lar.

**Metodologia:**

No primeiro momento do estágio, foi usada a ferramenta da observação participante, técnica de investigação, que usualmente se complementa com a entrevista semi-estruturada ou livre, capaz de estabelecer uma relação de confiança com os sujeitos. Não há limite temporal e espacial para a observação participante, visto que as pesquisas qualitativas se caracterizam pela utilização de múltiplas formas, então surgiu à possibilidade de intervir junto à comunidade de freiras idosas. Para acolher a demanda foi realizado o seguinte planejamento:

1- Realização de entrevistas. As entrevistas serão do tipo não estruturadas para permitir a livre associação de ideias.

1.1- As entrevistas serão todas gravadas com a autorização das irmãs e da instituição para que depois sejam transcritas em forma de texto. São realizadas em um primeiro momento individualmente, e nelas são levantados dados como a história do ingresso de cada uma na vida religiosa, e o histórico de serviços prestados a rede.

2- Resgate dos “objetos transicionais” que segundo a teoria de Winnicott (1975), têm um caráter de intermediação entre o seu mundo interno e externo, são eles os responsáveis por manter a ligação entre a velhice e a juventude. afim de aprofundar a busca da memória de vida. As fotos e artesanatos que elas possuem são os objetos transicionais a serem utilizados para maior compreensão do que se foi perdido pelo tempo, e de quanto isso provocou marcas a cada uma delas.

3- Elaboração de vídeos a partir de uma questão única: O que é envelhecer? Os vídeos utilizados para proporcionar um momento de interação e conscientização com a comunidade.

**Evento:** XVIII Jornada de Extensão

4- Disponibilizar informações online, por meio do portal da rede, trazendo a história das irmãs que se encontram na comunidade Betânia, com fotos, vídeos e depoimentos, proporcionando ao público reconhecer a importância desse lugar.

**Discussões:**

Nas sociedades primitivas, o velho era considerado como uma imagem de respeito e sabedoria. Nos dias de hoje o velho é visto como impotente, muitas vezes descrito como um estorvo pela sociedade moderna. Mucida (2004); descreve a velhice como a queda do desejo, da decrepitude e da doença; todas as reduções são tratadas como perdas irreparáveis e o idoso é descrito como um morto que vive. (pág. 64).

Para Freud (apud Mucida 2006) o inconsciente não é comandado por um tempo cronológico, ele não envelhece, não muda com o tempo. O que envelhece é o corpo físico, e é ele quem impõe as limitações, freando o inconsciente que permanece jovem, baseado nisso, Mucida chega à conclusão de que o sujeito não envelhece.

Para Mucida (2009) baseada na teoria de Lacan, o corpo poderia ser visto como um laço feito de três fitas: o corpo biológico com o qual se nasce, as imagens que o formam e as palavras que o nomeiam, chamando a atenção para as marcas da palavra do outro no corpo. Mostrando que, os discursos e tratamentos dados à velhice em cada época e cultura têm diferentes efeitos sobre o corpo.

Corpos de crianças, adolescentes e adultos são olhados, admirados e tocados; já o corpo do idoso é ignorado e só tocado se manipulado para higiene ou quando doente. O idoso tem tanta vontade de sentir contato físico quanto jovens e adultos, para o social o corpo envelhecido não teria mais interesse como objeto de investimento.

A perda da independência no processo do envelhecimento impacta na identidade, pois o idoso encontra-se em um corpo que não lhe é mais familiar, o corpo deixa de ser prazeroso e começa a ser visto como uma fonte de limite, sofrimento e frustração.

A morte é uma questão bastante presente ao tratar sobre a velhice. Mas o medo não está relacionado com a finitude da vida, e sim a perda do desejo, desejo esse que não se mede pela idade cronológica, e sim pela relação que o sujeito estabelece com os objetos. Suportar a velhice é na verdade suportar que as coisas não se escrevem mais como antes e que a morte faz parte da realidade de todos. Quando o sujeito envelhece, ele carrega consigo coletâneas inteiras de conhecimento, ao contar sobre eles, provoca uma sensação de alívio e de bem estar, o sujeito assume a necessidade de registrar sua passagem pela vida terrena com a intenção de consolidar seus feitos, para que futuramente suas histórias sirvam de inspiração para alguém que busca seguir o que foi começado.

A escuta clínica, juntamente com a associação livre de ideias, método aplicado por Freud (1910), que visa encorajar o paciente a dizer o que viesse à sua mente; permitem juntos que o sujeito faça por suas próprias palavras o caminho até o inconsciente, chegando assim à compreensão do que o

**Evento:** XVIII Jornada de Extensão

perturba.

Candau, (2014) diferencia o que chama de memórias fortes e fracas e distingue a memória a partir de três qualidades. A primeira é a memória social, presente nos gestos, nas práticas e na linguagem. O segundo tipo é a memória propriamente dita, que seria a evocação ou recordação voluntária, está ligada as sensações e aos sentimentos. A terceira é chamada de metamemória, e diz respeito à construção identitária, é a representação que fazemos das próprias lembranças, o conhecimento que temos delas.

A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAU, 2014, p. 16).

Na concepção de Hall, a identidade está sempre em processo de aperfeiçoamento, e varia de acordo com a forma que imaginamos ser vistos pelos outros. Quando se perde o olhar do outro perante o sujeito, sua identidade construída até o momento acaba se perdendo também. “A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade” (HALL, 2011, p. 38- 39).

Nesse processo de compreensão da identidade, a busca pela memória se torna um fator de grande importância psíquica para o sujeito. No ato de contar sobre algo, o contador coloca-se em um lugar de importância com o que fala, e com o conhecimento que passa para quem o escuta. Quando se faz o registro escrito de suas histórias de vida, ela se torna imortalizada em forma de texto, o qual pode ser acessado por muitas pessoas futuramente. Dessa forma o indivíduo se coloca novamente na sociedade, trazendo o olhar do outro de volta para si reconhecendo assim sua própria identidade.

**Conclusões:**

Na velocidade em que se vive nos dias de hoje para manter-se em sintonia, o passado vai ficando cada vez mais distante e valores fundamentais acabam sendo esquecidos, é nesse ponto em que precisamos trabalhar a questão da identidade, pois ela acaba ficando de lado juntamente com o afastamento do passado. O idoso muitas vezes é esquecido pela sociedade, sendo visto como algo sem importância, que já perdeu seu valor.

Através dos métodos apresentados busca-se dar voz as questões do envelhecimento, ressignificando a subjetividade de cada uma delas, com o auxílio de ferramentas que proporcionem a contação de suas histórias de vida, como forma de resgatar a sua dignidade, autoestima, identidade e importância na comunidade.

Tem como objetivo recuperar o passado e a tradição como forma de dar significado à sua própria existência através da descoberta identitária, que acaba fragilizada devido às alterações do corpo

**Evento:** XVIII Jornada de Extensão

físico.

A contação de histórias de vida desperta a emotividade de quem conta e de quem ouve, instaurando o zelo pelo narrar e pelo ouvir. Essa troca mútua a proporciona a sociabilização, que muitas vezes é perdida com o passar do tempo.

Nesse período da vida as pessoas encontram-se vulneráveis a perda da vontade de viver, pois passam por um período de perdas sofridas pelo efeito do tempo, que implicam principalmente no corpo e na impossibilidade dele reagir da mesma maneira às atividades realizadas no dia a dia. O projeto visa resgatar a subjetividade das irmãs que encontram-se na clausura, dando voz a suas histórias, fazendo assim com que a comunidade volte seu olhar para elas.

#### **Referencias:**

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/309841017/CANDAU-Joel-Memoria-e-identidade-pdf>. Data de acesso: 26/04/2017.

FREUD, S. **Terceira lição (1910)**. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 11, p. 43-53). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/179384552/identidade-cultural-na-pos-modernidade-Stuart-Hall-pdf>. Data de acesso: 27/04/2017.

MUCIDA, A. (2004). **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica.

QUEIROZ DT, Vall J, Souza AMA, Vieira NFC. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Rev. Enferm UERJ. [on-line]. 2007 abr/jun; [citado 2017 Jun 05]; 15(2): 276-83. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>.

ROSADO NUNES, Maria José. **Freiras no Brasil**. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, p 482- 509.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. (OBJETOS TRANSICIONAIS E FENÔMENOS TRANSICIONAIS) Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago. Disponível em: [http://necpar.com.br/uploads/material/487o\\_brincar\\_e\\_a\\_realidade.pdf](http://necpar.com.br/uploads/material/487o_brincar_e_a_realidade.pdf). Data de acesso: 25/04/2017.